

---

# OS SABERES MÁGICOS DO INÍCIO DA MODERNIDADE

Paola Basso Menna Barreto Gomes Zordan

*“O mundo tornou-se caos, mas o livro permanece sendo  
imagem do mundo,  
caosmo radícula,  
em vez de cosmo-raiz.”<sup>1</sup>*

No segundo capítulo de sua arqueologia das Ciências Humanas, *As palavras e as coisas*, Foucault apresenta o saber do século XVI como aquele que conhece sempre a mesma coisa e a conhece indefinidamente sob o mesmo termo. Esse “saber movediço”<sup>2</sup>, cheio de resquícios pagãos que sobreviveram à cristianização, conjuga o que hoje entendemos por ciências com o conhecimento ambulante e as chamadas artes ocultas. No Renascimento, o saber estava intrincado nas analogias da forma mágica de pensar, cuja ocupação era identificar as semelhanças para melhor entender e lidar com a Natureza. A sabedoria é concebida como capacidade de decifrar as similitudes invisíveis entre os astros, as estrelas, os minerais, as plantas, os animais, as horas do dia, as épocas do ano e as partes do corpo humano. A alquimia era uma prática inerente ao conhecimento do cosmos e a magia era o domínio da vontade do sábio sobre a matéria. Um tipo de conhecimento que superpõe conjunção e ajustamento (conveniência) entre seres distintos e correspondência entre domínios diferentes, afastados e separados no espaço.

Arte das analogias, o pensamento da tradição hermética dos magos ocidentais trata, basicamente, das ligações entre instâncias complementares: macrocosmos e microcosmos. O macrocosmos é o mundo visível, que situa acima a abóbada celeste e sua disposição de astros e, abaixo, as profundezas da terra, com suas multiplicidade de estratificações, diversos minerais e insondáveis reinos abissais. Embora as trocas de fluidos entre estas duas dimensões pudessem ser observadas no mundo visível, fenomenológico, a magia lidava com o invisível, com humores e disposições determinados tanto pelas potências cósmicas celestes como pelas diabólicas forças das profundezas. Entre Céu e Inferno situava-se o microcosmos, que compreendia o epitélio do mundo, *locus* dos seres, os quais vivos ou não, compunham a crosta terrestre.

---

<sup>1</sup> DELEUZE; GUATTARI. *Mil platôs v.1*. São Paulo: Ed.34, 1995, p.14.

<sup>2</sup> FOUCAULT. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 42.

---

O corpo humano é o principal microcosmos, foco de atenção para o humanismo consolidado no Renascimento. Imagem do cosmos, semelhança divina e *obra prima* da criação, o modelo do corpo serve de base para o projeto de templos<sup>3</sup> e como medida para as coisas. A crença na sintonia entre corpo e astros aparece nas explicações mítico-patológicas das doenças. Em 1484, o médico Ulsenius, da cidade de Nuremberg, explicou a epidemia de peste como influência da oposição entre um astro na constelação de Touro e um agrupamento de planetas junto a Escorpião. No século XVII, Kepler dizia que as epidemias de peste aconteciam devido a aspectos desfavoráveis entre Júpiter e Saturno<sup>4</sup>. Apesar da irrupção das ciências naturais e da extrema desconfiança que a Inquisição lançou sobre as ditas “artes ocultas”, Foucault comenta em sua *História da Loucura*, que, ainda no século XVIII, admitia-se que os loucos, lunáticos, sofriam as influências lunares sobre o cérebro.

Estes são diagnósticos de tempos em que ciência, magia e religião não constituíam domínios separados e os alquimistas eram chamados “filósofos”. A obra alquímica, entre outras coisas, visava atingir o conhecimento da essência criadora e alcance da vida eterna. Curar os males do corpo, os quais o pensamento mágico vê como interligados aos da alma, é o que move os médicos e experimentadores alquímicos a procurar fórmulas eficazes contra as inúmeras enfermidades que surgem devido às migrações e às aglomerações urbanas que marcam o início da Idade Moderna. A doença, a dor e a morte mostravam toda a fantasmagoria da vida e o quanto esta dependia de algo desconhecido, essas insondáveis forças exteriores, as quais os sábios, magos e médicos se propunham a estudar. Os mistérios do que está fora da compreensão humana e os perigosos flagelos que estes ocultam é o que conduz a ciência e a nomeia. Ciência, filosofia, arte e magia tratavam da mesma coisa, da procura incessante das causas profundas, cujo conhecimento seria a chave para a decifração dos signos invisíveis que regiam o corpo e a Natureza.

Estabelecer relações entre microcosmos e macrocosmos era uma das chaves para se compreender os enigmas do mundo. Tais operações implicavam que o neófito aprendesse a ler as palavras da natureza, marcas impressas por uma ordem supra-humana, divina, ainda que também demoníaca. Da leitura dessas marcas dependia a obra dos alquimistas: a transformação da matéria bruta em ouro e a feitura do elixir da eternidade, a pedra filosofal. Tais feitos davam ao mago o conhecimento dos segredos da vida e da morte. A cura exigia a decifração dos sinais emitidos pelo corpo e a escolha correta do remédio, que dependia do conhecimento das formas, cores e outras características peculiares que identificavam as assinaturas planetárias encontradas na Natureza.

---

<sup>3</sup>ROOB, A. **Alquimia e misticismo**. Taschen, 1997. Cf. capítulo sobre Microcosmos, p. 534-613.

<sup>4</sup>SCHEIBER & MATHYS. *Infectio: historia de las enfermedades infecciosas*. Roche, 1987, p. 13.

---

Supunha-se que uma planta venusiana curaria as doenças dos genitais femininos ou dos seios, partes do corpo relacionadas a esse astro. Fracastoro, em 1521, indicava gargarejos com cobre, metal de Vênus, para o tratamento da sífilis, doença chamada “venérea”<sup>5</sup>, ou seja, de Vênus.

Tais relações são efeitos de superfície<sup>6</sup>, termo de expansão que garante o saber das similitudes que acolhe, em um só plano, magia e erudição. Os mitos que povoam este plano desenharam-se a partir das estrelas e dos reinos da Natureza. Seus protagonistas, deuses e heróis, denominam as intempéries e os astros. As luminárias, sol e lua, e os planetas do sistema solar indicam os acontecimentos da terra, inscritos na anatomia humana. Senhores dos sete céus, o Sol, a Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno designam as forças que envolvem a criação do mundo natural e a continuidade desta pelas mãos do homem. O mundo, “grande livro aberto”<sup>7</sup>, é coberto de hieróglifos, “brasões, cifras, palavras obscuras” a serem lidos, marcas que dizem de uma outra língua, anterior à Babel, em que os signos ocultos exprimem um saber que se funda “na súpula de suas assinalações e na sua decifração”<sup>8</sup>. Talvez seja a língua das *Crônicas de Akasha*, livro que os ocultistas citam para dizer da escritura de tudo o que existe no universo, uma espécie de “biblioteca de Babel”<sup>9</sup> condensada em um único volume. O esoterismo do século XIX volta a se ocupar, embora de modo relativamente positivista, com essa escrita imemorial que compreende o infinito e os mistérios da existência<sup>10</sup>. Eliphas Levi, o ocultista francês que influenciou o pensamento dos místicos do Antigo Regime, reporta a um livro muito antigo, nunca traduzido, “inteiramente escrito em caracteres primitivos em páginas separadas como as tabuletas dos antigos”<sup>11</sup>. A paisagem romântica desperta para a leitura do que Levi chama de “poesia da criação”, a vida e o puro movimento, cujas leis pertencem a uma doutrina absoluta, escondida desde o começo do mundo. Somente os magos e os iniciados nos mistérios podiam ler algumas páginas desse texto fantástico, portador de todos os segredos. Na prática, o trabalho dos estudiosos era investigar similitudes entre mitos e símbolos das mais diferentes culturas e religiões e dissertar

---

<sup>5</sup> SCHEIBER. & MATHYS. *Infectio*, p.62-68.

<sup>6</sup> FOUCAULT. *As palavras e as coisas*, p.43.

<sup>7</sup> Idem, p.36-37.

<sup>8</sup> FOUCAULT. *As palavras e as coisas*, p.36.

<sup>9</sup> Cf. BORGES. *Ficções*. São Paulo: Globo, 1999.

<sup>10</sup> A idéia “livro do mundo” ou Grande Obra, é encontrada nas mais variadas correntes de pensamento ao longo de toda a história da civilização. Cf. Prefácio de Mallarmé ao Livro, em uma tradução de Haroldo de Campos. Disponível em <<http://www.eca.usp.br/alunos/posgrad/denise/prefacio.htm>> . Haroldo de Campos escreve sobre livros figurados e a poesia visível, *Mutus Liber* e *L'Oeuvre* em um artigo para Folha de São Paulo, “**A fala visível do mundo**”, disponível em <<http://www2.folha.uol.com.br/biblioteca/1/02/1995090303.html>>

<sup>11</sup> LEVI. *Dogma e Ritual de Alta Magia*. São Paulo: Pensamento, 1988, p.57.

---

sobre os significados universais encontrados em hieróglifos egípcios, mitos clássicos, narrativas bíblicas e outros arquivos.

“A pedra filosofal, a medicina universal a transmutação dos metais, a quadratura do círculo e o segredo do movimento perpétuo, não são, pois, nem mistificações da ciência nem ilusões de loucura; são termos que se devem entender no seu verdadeiro sentido, e que exprimem os diferentes empregos de um mesmo segredo, os diferentes caracteres de uma mesma operação que definimos de um modo mais geral, chamando-a somente A Grande Obra.”<sup>12</sup>

Estudar esta “Grande Obra” é compreender uma natureza que, em toda sua extensão, é escrita. Para este tipo de *episteme*, conhecer a natureza é “recolher toda a espessa camada de signos que puderam ter sido depositados neles ou sobre eles; é reencontrar também todas as constelações de formas em que eles assumem valor de insígnia”<sup>13</sup>. O trabalho do mago ou do alquimista visa obter o conhecimento de leis gerais do universo, entender seu funcionamento e compreender o sentido da vida por meio da decifração dos signos que a matéria emite. O cosmos, livro aberto, fala. Palavra oculta nas coisas, a “prosa do mundo” forma redes de marcas, cuja disposição dos signos e dos nomes que a ele se associam, obedece a certas leis.

Além da escritura divina encontrada na própria criação, as leis ocultas condensavam-se na pedra de esmeralda,<sup>14</sup> cuja feitura é atribuída a Hermes Trimegisto, figura a quem os esotéricos atribuem a gênese do conhecimento mágico-cabalístico. A correspondência entre aquilo que está em cima ao que está em baixo e vice-versa implica a compreensão de uma ordem de equivalências e reciprocidade entre instâncias distintas, o milagre da criação. Foucault supõe que, para os eruditos da época, este saber é *legenda*, coisa para ser lida. Saber que é interpretar; “fazer tudo falar”<sup>15</sup>.

---

<sup>12</sup> Idem, p.59.

<sup>13</sup> FOUCAULT, **As palavras e as coisas**, p.55.

<sup>14</sup> Tabula smaragdina, tábua ou mesa de esmeralda, pedra em que Hermes Trimegisto teria escrito a essência de sua sabedoria: “Verdadeiro é, sem falsidade. Certo e muito verdadeiro. Que aquilo que está em cima é igual àquilo que está embaixo e que aquilo que está embaixo é igual àquilo que está em cima, para realizar os milagres de uma só coisa. E como todas as coisas existem pela contemplação de uma só, todas as coisas surgiram desta única coisa por um simples ato de adaptação. O pai dela é o Sol, a mãe é a Lua. O Vento carregou-a em seu útero, a Terra é sua ama de leite. É o pai de todas as obras de maravilha em todo o mundo. O poder dela é perfeito. Se for lançada sobre a Terra, separará os elementos da Terra daqueles do fogo, o sutil do grosseiro. Com grande sagacidade sobe delicadamente da Terra para o Céu. Desce de novo para a Terra e une em si própria a força das coisas superiores e inferiores. Assim possuirás a glória do brilho do mundo inteiro e toda obscuridade fugirá de ti. Esta coisa é a forte fortaleza de toda a força, pois vence toda coisa sutil e penetra em toda a substância sólida. Assim foi o mundo criado. Consequentemente haverá maravilhosas adaptações, das quais a maneira é esta. Por esta razão eu sou chamado Hermes Trismegisto, porque eu tenho três partes da sabedoria de todo o mundo. O que eu tinha a dizer a respeito da operação do Sol está completado”. Cf. GILCHRIST, Cherry. *A alquimia e seus mistérios*. São Paulo: Ibrasa, 1988. p.59.

<sup>15</sup> FOUCAULT. *As palavras e as coisas*, p.55.

---

Trata-se do conhecimento da escrita da natureza que encontra “sempre novos signos da semelhança”, os quais, expressos nos segredos dos discursos esotéricos, trazem à superfície as marcas daquilo que querem dizer<sup>16</sup>.

Excitação inconsciente que libera os segredos da matéria, o processo alquímico nada mais é do que ser tocado por signos que “não podem ser outra coisa senão similitudes”<sup>17</sup>. O alquimista busca o sentido trazendo à luz as semelhanças<sup>18</sup> e escutando as vozes imperceptíveis dos mistérios da criação. Por meio das semelhanças, que constituem a singularidade dos valores atribuídos aos signos,<sup>19</sup> se conhecem as assinaturas planetárias, a especificidade de seus domínios e como as combinações entre estes indicam parentescos, subordinações, simpatias e antipatias. O mundo é visto como uma “rede de marcas” que imbrica signos e conteúdos, segredos e indicações, de modo que as coisas e suas designações não se distinguem. Situada a meio caminho entre as conveniências astrológicas e as figuras da natureza, no século XVI, “a linguagem não é um ser arbitrário” e sim algo que reside “em meio às plantas, às ervas, às pedras e aos animais”<sup>20</sup>. Experimentar o ser da linguagem é reunir todos os signos num só, poesia e loucura, existência e desaparecimento ao mesmo tempo<sup>21</sup>.

Muitos historiadores, tais como Minois e também Foucault, lembram este período como auge da “festa dos loucos”, ou “festival do burro” ou “dos tolos”, na qual, uma vez por ano, acontecia a inversão de classes e a exposição ao ridículo das *personas* de poder<sup>22</sup>. Thomson mostra como, desde o final do século XIV, surge um certo culto à permissividade<sup>23</sup>, que o autor atribui à corrupção das autoridades eclesiásticas. A veneração da aparência e a nudez renascentistas imbricam-se nas observações de Foucault sobre o tempo em que “a besta se liberta” e um enlouquecimento da imaginação cria a mais vasta iconografia de animais impossíveis<sup>24</sup> vista na Europa. A sociedade, recém curada da peste negra, vê surgir epidemias de sífilis enquanto assiste o início da Contrarreforma, a proibição da prostituição em inúmeras cidades e o acréscimo das folhas de figo nas figuras nuas de Michelangelo. Os banhos públicos, que misturavam ambos os sexos,

---

16 Idem, p.49.

17 FOUCAULT. As palavras e as coisas, p.57.

18 Idem, p.40.

19 Idem, p.39.

20 Idem, p.47-49.

21 Idem, p.68.

22 MINOIS, G. Historia de los infiernos. Barcelona: Paidós, p.264.

23 THOMSON, O. A assustadora história da Maldade. São Paulo: Ediouro, 2002. p.343.

24 FOUCAULT. A história da loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 20.

---

foram abolidos em 1530 na França e em 1546 na Inglaterra, mais para controlar a sífilis do que pelo puritanismo que começava a emergir. Doenças venéreas são vistas como castigo por causa da luxúria desenfreada e os sífilíticos são confinados junto com os loucos e os alquimistas, proscritos que “ostentam secretos estigmas de insanidade”<sup>25</sup>. Práticas como a autoflagelação, a tortura e a execução pública de condenados, fossem estes judeus, hereges, feiticeiros ou bruxas, acompanharam o esfacelamento da Igreja nos primeiros séculos da Era Moderna. O sentido apocalíptico tomado pelo discurso religioso da época reforça a crença de que as infecções vinham da visão do Inferno<sup>26</sup> como castigo para os pecados dos homens. A morte, a guerra, a fome e a peste espalhavam-se pelo mundo. O livro aberto do cosmos, memória absoluta da criação, que conta tudo desde o início, estava se aproximando do fim. O problema surge quando esta escritura divina, palavra cabalística que insufla a vida, se revela como matéria corruptível, sujeita a erros e distorções, apagamentos de memória, de trechos e páginas ilegíveis, quando não faltantes.

Junto a essas páginas indecifráveis, ascende, com traços de deus pagão, a figura do Diabo. Delumeau, que o chama de “prestidigitador temível”,<sup>27</sup> mostra como o demônio ganha visibilidade por meio de inúmeros livros e folhetos impressos que circularam abundantemente pela Europa Moderna. Tentador e carrasco da humanidade, o Demônio tinha poderes, concedidos por Deus, sobre os movimentos locais e sobre o corpo, de modo que todos os demônios, mesmo que não possuidores de corpo, agem sempre por intermédio das forças naturais. Mestre da feiticeira, a utiliza e serve-se de suas fraquezas para realizar suas perfídias. Bruxa e Diabo podem alterar o microcosmos, mundo sublunar, provocando êxtases, arrebatamentos, tormentos e tentações. Os inquisidores Kramer e Sprenger, autores do popularíssimo manual da caça às bruxas, o *Malleus Malleficarum*, explicam que as influências dos astros, seres que exprimem as Essências, não concernem aos poderes das bruxas, concedidos de acordo com o Diabo<sup>28</sup>. As bruxas podem aproveitar certas confluências entre as estrelas, mas somente por meio das “artes malignas do demônio”<sup>29</sup> que realizam seus feitos. Os demônios podem levar os homens a acreditarem na falsa divindade das estrelas e tentá-los à idolatria, mas os astros estão ainda relacionados a Deus. Trata-se de corpos celestes que fazem parte do que a cabala designa como “plano astral”, inferior ao

---

<sup>25</sup> FOUCAULT. A história da loucura. p.105,

<sup>26</sup> SCHEIBER & MATHYS. Infectio, p. 13.

<sup>27</sup> DELUMEAU, J. A história do medo no Ocidente. SP: Companhia das Letras, 1989.

<sup>28</sup> KRAMER & SPRENGER. *Malleus maleficarum*, o martelo das feiticeiras. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1991, p.101-109.

<sup>29</sup> Idem, p.69.

---

espiritual, mas regido pelas potências angélicas<sup>30</sup>. Anjos caídos, os demônios habitam o mundo incitando e tentando os mortais a pecar.

A perspectiva demonológica produz um saber no qual os inquisidores creem que elementos mais próximos, microcósmicos, ditos da matéria “inferior”, têm mais efeito sobre as disposições do espírito do que os astros. Embora a influência dos astros ainda vá ser considerada a luz da incipiente ciência contemporânea, o *Malleus* adverte que professar que tudo provém das estrelas é contrário à fé cristã, afirmada pela resistência às predisposições astrais e pelo uso correto do livre-arbítrio frente às forças da natureza. Ser cristão é, acima de tudo, suportar as dores, suplantar os desejos da carne e aceitar, tal qual Cristo na cruz, as provações do corpo e os desígnios celestes. Mais do que analogia viva do Criador, o corpo padece de muitos males e mostra-se extremamente suscetível a ameaças que vêm de fora. Mais do que nunca, prestigiam-se os suplícios do corpo e as aflições imputadas nesse por obra do demônio a mando de Deus. O modelo olímpico de beleza e formosura esvaece e figuras grotescas como a bruxa e o tolo, com seus furores concupiscentes ou pensamentos indomáveis, mostram que o dono deste mundo é mesmo maligno.

A alquimia, conhecida por documentos advindos de uma variedade de culturas (grega, árabe, chinesa, egípcia), veio à tona nos círculos eruditos do Renascimento como possível síntese de um conhecimento universal. Mas algumas práticas alquímicas não deixavam de ser vistas como supersticiosas. No *Malleus Malleficarum*, a doutrina de Santo Agostinho é evocada para sustentar a condenação dos amuletos, desaprovados também pela Escola de Médicos. No final do século XV, os médicos alemães já apontam a ausência de virtudes no uso de encantamentos e talismãs<sup>31</sup>, cuja feitura era uma das ocupações dos alquimistas. A ênfase em deuses pagãos, nome dos metais usados na alquimia, equivalentes às sete estrelas móveis visíveis para aos homens no céu, a constante presença de letras, palavras e línguas desconhecidas e as monstruosas figuras do andrógino e do dragão nos desenhos alquímicos, colocavam a alquimia e suas práticas no alvo de um poder eclesiástico ávido para mostrar sua força. Cultuar e adorar os astros eram práticas heréticas, mas maior heresia ainda seria adorar estranhas bestas, aliadas de Satanás. A alquimia passa a ser associada à feitiçaria e por vezes ao demonismo. Ao triunfo diabólico do “saber proibido”<sup>32</sup>, daquilo que o *Malleus* não cansa de denominar como artes mágicas, artes ocultas ou ainda artes do demônio, sucede-se o “advento de uma noite na qual mergulha a velha razão do mundo”, que

---

30 Subordinadas a Deus, estas são descritas a partir de uma minuciosa hierarquia, cujos príncipes, intercessores diretos de Deus, são os arcanjos. A visão cabalística, e sua lógica de equivalências, atribui uma horda infernal a cada classe da hierarquia celeste.

31 KRAMER & SPRENGER. *Malleus*, p.111.

32 FOUCAULT. *A História da loucura*, p. 21.

---

aniquila todo o saber e expõe a inacessibilidade ao verdadeiro conhecimento. Os valores humanistas e os ideais cósmicos junto aos quais a alquimia veio à luz, se dissolvem no desatino de saberes que o mundo moderno põe-se a multiplicar.

Foucault mostra o triunfo do “furor universal” com a imagem dos *Cavaleiros do Apocalipse* de Dürer, que exprimem as ameaças e segredos do mundo como “guerreiros desenfreados da louca vingança”<sup>33</sup>. A fé exacerbada do tempo das grandes catedrais, que abriu as portas para o sentimentalismo fanático e para a superstição, dá lugar ao medo e à desconfiança. O historiador Minois escreve sobre este século como aquele em que “o inferno se desborda pela terra”. O antigo simbolismo gótico “deixa de falar” e as significações espirituais solidificadas na Idade Média se embaralham de tal modo que as coisas são sobrecarregadas de “atributos, de índices, de alusões onde acabam por perder a própria figura” devido a uma multiplicação do sentido<sup>34</sup>. Entre as coisas, são tecidas inúmeras relações, múltiplos cruzamentos de signos que “só podem ser decifrados no esoterismo do saber”<sup>35</sup>. Na dissociação entre a imagem e o discurso, os signos se abrem ao onírico, espaço vazio que se faz entre a palavra e a coisa. É nesse oco, *locus* desocupado, que os demônios penetram, colocando a linguagem a toda sorte de ilusões. Para se atingir o conhecimento da obra de Deus é preciso desmascarar o Diabo, descobrir suas artimanhas, truques que distorcem os sentidos e colocam o coração em desatino. Mais rápido do que seus perseguidores, os quais conquistavam territórios ditos “selvagens”, disseminavam guerras, torturavam, condenavam hereges à forca e à fogueira, o Diabo faz do mundo a sua casa.

A abertura do sentido, experimentada na decadência dos ideais renascentistas e a ainda recente exploração de continentes distantes e desconhecidos do europeu, permite toda a sorte de ficções espontâneas, sonhos, visões distorcidas e quimeras, tão presentes neste período que a História da Arte chama Maneirismo ou Protobarroco. Aprende-se que as semelhanças são aparentadas da ilusão e que o Diabo está sempre a nos ludibriar com palavras enganosas. A sombra que o Maligno lança sobre a sociedade europeia vela o pretense conhecimento da obra divina, o livro aberto do cosmos. Livro que diverte o Diabo, que brinca arrancando suas páginas e adulterando muitas e muitas palavras.

---

<sup>33</sup> Idem, p.22.

<sup>34</sup> FOUCAULT. *A História da loucura*, p.18

<sup>35</sup> Idem.



---

A chamada Arte<sup>36</sup>, prática mágica de interação com os elementos do cosmos, começa a tomar o lugar de um sistema de erros, cujo uso passa a ser relacionado a bufões, ciganos, ilusionistas e ingênuos. Com o Barroco, período em que a semelhança não é mais a peça fundamental do pensamento, inicia-se o lento desaparecimento das antigas superstições e o rechaço da magia, que gradualmente vai sendo relacionada com a religiosidade primitiva encontrada nos territórios colonizados. O classicismo emergente denuncia o saber das analogias, sobre o qual a magia se constituiu, como “misto confuso que cumpre analisar em termos de identidade e de diferenças, de medidas e de ordem”.<sup>37</sup> O funcionamento de uma máquina da ciência, segmentadora, ocupa o lugar da experiência alquímica, operação tateante sobre a matéria. Conhecer é denominar o espaço, apropriar-se de territórios, fazer a descrição de suas especificidades e extrair da natureza, a matéria-prima, a mercadoria e o capital. Adquirir conhecimento é saber das leis e sobre o funcionamento da máquina desatinada que a Idade Moderna criou. A magia se perde, se esvaece na arte menor e permanece como fetiche, objeto de desejo a ser comprado com dinheiro. Junto ao processo crescente de uma abstração cada vez maior dos valores de troca, por um modelo econômico regido por tesouros, a inscrição da “natureza na ordem científica”<sup>38</sup> é uma maneira de dominar os números, a lidar com quantias cada vez mais complexas, que necessitam cada vez mais de cifras que as exprimam e de equações que permitam manipular os novos agenciamentos, prever sua disseminação, ordenar os espaços, dividir as funções. O saber vai centrar-se nas comparações e no estabelecimento de relações de igualdade e desigualdade, acréscimo ou diminuição<sup>39</sup>.

Destarte a formação do saber enciclopédico, esclarecido e desmistificador, os velhos sistemas simbólicos, que passam a ser chamados de “ocultos”, ligados ao que Foucault chama de “onirismo imemorial”, sobrevivem como métodos de cura ainda na era clássica<sup>40</sup>. O saber da época moderna se abre a uma multiplicidade de códigos descontínuos de modo que os signos, outrora conhecidos, situam-se no mesmo turbilhão de novas descobertas que a incessante busca de verdades põe a movimentar<sup>41</sup>. Aquele ser vivo do Renascimento, signo cintilante na dispersão infinita, puro efeito de superfície, parece brutalmente esquecido, posto que a linguagem passa a escavar

---

36 Palacianas, a arquitetura, a pintura e a escultura eram as chamadas Belas-Artes e distinguiam-se das outras Artes porque, neste período histórico, serviam aos aparelhos de Estado, aos aristocratas e a Igreja.

37 FOUCAULT. As palavras e as coisas, p.71.

38 Idem, p.75.

39 Idem, p. 73.

40 FOUCAULT. A história da loucura. p. 303.

41 “A ciência moderna nos ensina que nunca houve matéria e volta, quatrocentos anos depois, à velha concepção alquímica dos três princípios, o enxofre, o mercúrio e o sal, agora chamados energia, movimento e massa.”\_In: ARTAUD. Escritos de Antonin Artaud. Porto Alegre: LP&M, 1986, p. 92.

---

representações. Foucault comenta que esse “ser vivo da linguagem” só pode ser, então, encontrado na literatura, mesmo que de modo “alusivo e diagonal”<sup>42</sup>. Depois do corte profundo operado pelo classicismo, a literatura, diabrete da arte menor que se insere nas cortes, aparece como “o que deve ser pensado”<sup>43</sup>, como aquilo que se dá a pensar ou talvez como campo onde ainda existam espaços privilegiados para a criação.

O panteísmo é recriado na Idade Média e a idolatria às forças naturais não se extingue completamente nos cultos às divindades cristãs, que ocupam templos em lugares consagrados por um uso ritual que se perde no tempo. Porém, há forças com que jamais se consegue comungar dentro de um templo. É em busca delas que as mulheres vão correr pelos campos e bosques nas noites de lua cheia. Astro cujos movimentos afetavam os loucos, lunáticos, a lua era os cornos de Ísis ou a coroa das Deusas da antiguidade. Ligada a Grande Mãe, a lua sinaliza os fluxos da Terra, das águas, dos ventos, das marés, das menstruações e partos. Os antigos cultos, antes de serem “religiosos”, são indícios de como os povos comungavam com a Terra, se ligavam a seus elementos e às forças planetárias manifestas nos corpos. O que está em questão é o pensamento alógico, a sensação sem imagem, que implica a leitura dos sinais emitidos pela Terra, o aprendizado dos signos da Natureza e da cultura que com ela interage. O sentido desse pensar só pode ser expresso sob uma perspectiva estética, em que as noções de arte, magia, mito e linguagem não se definem senão como “pensamento mágico”. Esse pensamento é o saber das sensações, em que as forças preponderam à imagem, e cuja figura só existe em vias de se criar.

---

42 FOUCAULT, As palavras e as coisas, p.60.

43 Idem, p. 61.

---

## REFERÊNCIAS

- ARTAUD. *Escritos de Antonin Artaud*. Porto Alegre: LP&M, 1986.
- BORGES. *Ficções*. São Paulo: Globo, 1999.
- DELEUZE; GUATTARI. *Mil platôs v.1*. São Paulo: Ed.34, 1995.
- DELUMEAU, J. *A história do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- FOUCAULT. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A história da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- GILCHRIST, Cherry. *A alquimia e seus mistérios*. São Paulo: Ibrasa, 1988.
- KRAMER; SPRENGER. *Malleus maleficarum, o martelo das feiticeiras*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1991.
- LEVI. *Dogma e Ritual de Alta Magia*. São Paulo: Pensamento, 1988.
- MINOIS, G. *Historia de los infiernos*. Barcelona: Paidós.
- ROOB, A. *Alquimia e misticismo*. Taschen, 1997.
- SCHEIBER; MATHYS. *Infectio: historia de las enfermedades infecciosas*. Roche, 1987.
- THOMSON, O. *A assustadora história da Maldade*. São Paulo: Ediouro, 2002.

## RESUMO

Junto ao capítulo "A prosa do mundo", escrito por Michel Foucault em *As palavras e as coisas*, o presente texto traça um panorama dos saberes alquímicos do século XVI. Nesta época, onde as distinções entre Arte, Ciência e Filosofia ainda não haviam sido feitas, pode-se extrair enunciados que dão a compreender o conhecimento situado no limiar entre os tempos modernos e as antigas tradições. O que atualmente entende-se como "pensamento mágico" remete aos signos presentes nas variedades de coisas existentes, os quais o sábio tinha como tarefa decifrar. Ainda que este funcionasse sobre estreitas relações analógicas entre os astros celestiais e os seres terrestres, num sistema de convenções que colocava assinaturas planetárias nos humores humanos e nos reinos naturais, os eruditos da época se ocupavam em desvendar o que se entendia como uma Grande Obra de caráter cósmico. As impressões dessa Obra comporiam um "livro do mundo", ideia que serve de mote para os compêndios renascentistas que antecedem à Enciclopédia e às classificações do que viria a se chamar Ciências Naturais. Essa breve incursão mostra uma perspectiva estética para se compreender o mundo e extrair de seus elementos, ao invés de postulados, puras sensações.

*Recebido em: 15/09/2010*

*Aceito em: 11/09/2013*